

Do autor de
O EGO É SEU INIMIGO

A VIDA

A arte de
viver, de
Zenão a
Marco
Aurélio

DOS



ESTOICOS



RYAN HOLIDAY
STEPHEN HANSELMAN

A VIDA DOS ESTOICOS

A VIDA DOS ESTOICOS

A arte de viver,
de Zenão a Marco Aurélio

RYAN HOLIDAY
STEPHEN HANSELMAN

Tradução de Alexandre Raposo
e Luiz Felipe Fonseca



Copyright © 2020 by Ryan Holiday and Stephen Hanselman
Todos os direitos reservados. Incluindo a reprodução total ou parcial em qualquer meio.
Esta edição foi publicada mediante acordo com Portfolio, um selo de Penguin
Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Lives of the Stoics: The Art of Living from Zeno to Marcus Aurelius

PREPARAÇÃO

Stella Carneiro

REVISÃO

Carolina Vaz
Eduardo Carneiro
Milena Vargas

PROJETO GRÁFICO

Daniel Lagin

DESIGN DE CAPA

Sarah Brody

ILUSTRAÇÕES

Rebecca DeField

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H677v

Holiday, Ryan, 1987-

A vida dos estoicos : a arte de viver, de Zenão a Marco Aurélio / Ryan Holiday,
Stephen Hanselman ; tradução Alexandre Raposo, Luiz Felipe Fonseca. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
400 p. ; 21 cm.

Tradução de: Lives of the stoics

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-65-5560-256-2

1. Estoicos. 2. Filosofia antiga. I. Hanselman, Stephen. II. Raposo, Alexandre.
III. Fonseca, Luiz Felipe. IV. Título.

21-71095

CDD: 188

CDU: 17

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

INTRODUÇÃO

A única razão para estudar filosofia é se tornar uma pessoa melhor.

Tudo o mais, como disse Nietzsche, não passa de uma “crítica de palavras com palavras”.

Nenhuma escola de pensamento acreditou mais nisso — o poder da ação frente ao poder das ideias — do que o estoicismo, um antigo ramo filosófico que remonta à Grécia do século III a.C.

Foi Sêneca — um filósofo estoico da era romana, afastado da Academia — quem afirmou de forma bastante direta que não havia outro propósito em ler e estudar a não ser o de levar uma vida feliz.

Mas não é esse o papel que a filosofia desempenha no mundo contemporâneo. Hoje tudo gira em torno do que as pessoas inteligentes dizem, as palavras difíceis que usam, os paradoxos e enigmas com que podem nos deixar perplexos.

Não é de admirar que a filosofia seja vista como algo inaplicável. Ela é!

Este livro tratará de uma sabedoria diferente e muito mais acessível, do tipo abordado por pessoas como Sêneca, um ho-

mem que serviu a seu país das mais nobres maneiras, suportou exílio e perdas, lutou contra os próprios defeitos e ambições e, por fim, morreu de maneira trágica e heroica, comprometido a não renunciar às suas teorias. Ao contrário dos chamados “filósofos de tinta e papel” — conforme eram ironicamente denominados até mesmo dois mil anos atrás —, os estoicos preocupavam-se em primeiro lugar com a forma com que alguém *vivia*. As escolhas feitas, as causas que seguiu, os princípios aos quais aderiu ao enfrentar adversidades. Eles se importavam com o que era feito, não com o que era dito.

Sua filosofia, da qual precisamos hoje mais do que nunca, não era uma filosofia de ideias efêmeras, mas de ação. Suas quatro virtudes são simples e diretas: coragem, temperança, justiça e sabedoria.

Por isso, a possibilidade de aprender tanto pelas experiências vividas dos estoicos (seus trabalhos) quanto por seus escritos filosóficos (suas palavras) não deveria ser tão surpreendente. O conhecimento oferecido em trabalhos publicados por Catão, o jovem, é escasso — tendo trabalhado como servidor público por toda a vida, ele se viu tão ocupado com os deveres do cargo e com batalhas que escreveu não mais do que poucas sentenças. Mas a história sobre como se portou — com uma integridade obstinada e verdadeiro altruísmo — em meio ao declínio e à queda da República nos ensina mais a respeito da filosofia do que qualquer ensaio. Da mesma forma, pouco chegou até nós sobre as teorias de Diótimo, um estoico do início do século I a.C., mas a lenda de sua fraude literária nos mostra que até as pessoas mais íntegras podem se perder no caminho. Isso também vale para a vida de Sêneca, cujas obras eloquentes sobreviveram ao tempo, e ainda assim

devem ser contrastados com os compromissos exigidos por seu cargo sob o governo de Nero.

E não é apenas da vida dos estoicos que extraímos páginas e mais páginas de ensinamentos, mas também da morte — todo estoico nasceu para morrer, seja por assassinato, suicídio, seja de forma mais peculiar, de tanto rir, como foi o caso de Crisipo. Cícero certa vez disse que *filosofar é aprender a morrer*. Assim, os estoicos nos instruíram com sabedoria não apenas sobre como viver, mas também sobre como enfrentar a parte mais assustadora da vida: o final. Eles nos ensinam, por meio do exemplo, a arte de partir em paz.

Os estoicos aqui retratados são, em sua maioria, homens. Esta era a maldição da Antiguidade: o mundo pertencia aos homens. Ainda assim, havia diversidade entre eles. Os filósofos neste livro provêm dos cantos esparsos do mundo conhecido de outrora, como Chipre, Turquia, Egito, Líbia, Síria e Iraque. E, embora suas filosofias se enraizassem em Atenas, os estoicos enxergavam o planeta inteiro como seu país. O fundador do estoicismo, Zenão de Cítio, um fenício, é lembrado por ter recusado, notoriamente, a cidadania ateniense porque estaria em conflito com sua crença honesta no cosmopolitismo. Com o tempo, o estoicismo chegou a Roma, onde ocupou papel central na vida romana, guiando o curso de um dos maiores e mais multiculturais impérios da história.

Ao longo dos primeiros quinhentos anos da história do estoicismo, seus membros formaram um espectro espantoso de diferentes condições de vida, desde o todo-poderoso imperador Marco Aurélio até Epicteto, um humilde escravo que foi aleijado em cativo, mas cujas obras e vida se tornaram um exemplo que inspirou vários filósofos, inclusive Marco Aurélio. Alguns

dos nomes talvez já lhe sejam familiares, e outros provavelmente não (Ariston, Diógenes da Babilônia, Pórcia, Antípatro, Panécio, Posidônio, Ário e Musônio Rufo). Mas é válido conhecer cada um deles, fossem comerciantes ou generais, estudiosos ou atletas, pais ou mestres, filhos, filhas ou diplomatas.

Todos têm algo importante a nos ensinar. Cada um deles percorreu o caminho da virtude de formas que devem nos servir de exemplo.

A palavra “estoico” significa resignação impassível diante do sofrimento. Ainda assim, basta um olhar superficial nas histórias desses personagens para percebermos a enorme diferença entre as expectativas daquele estoicismo e as realidades da filosofia. O estoicismo é uma filosofia vibrante e expansiva, repleta de pessoas que amaram, sofreram e perseveraram, que lutaram com coragem nas linhas de frente das grandes batalhas da história, criaram filhos, escreveram grandes obras, não se abalaram, acreditaram e *viveram*. Em seu tempo, esses filósofos resistiram ao estereótipo do estoicismo, que os resumia a seres insensíveis e taciturnos que sofriam ao longo da vida e olhavam apenas para dentro de si mesmos.

Os estoicos nunca se conformaram com a situação vigente, não aceitavam sem questionar as injustiças do mundo. Ao contrário, eles formaram a mais veemente “resistência” à tirania de Júlio César, Nero e outros comandantes do mundo antigo, chegando até mesmo a influenciar reformas democráticas de cunho popular. Assim como o estoicismo era “o rigoroso preceptor de heróis durante o primeiro século do Império” — para tomar de empréstimo a expressão do historiador Richard Gummere —, a corrente exerceria um papel similar por muitos séculos depois, incluindo o de inspirar os líderes da Revolução Americana e pa-

triotas como Thomas Wentworth Higginson, que liderou um regimento negro pela causa da União durante a Guerra de Secessão (e um dos tradutores de Epicteto). Os estoicos sempre derramaram sangue, suor e lágrimas em nome da mudança, fosse ela apreciada e bem-sucedida ou não.

Em 55 d.C., Sêneca escreveu ao jovem imperador Nero em um livro sobre a misericórdia: “Eu sei que, entre os desinformados, os estoicos têm má reputação quanto a serem insensíveis demais e, portanto, ser improvável que ofereçam bons conselhos a reis e príncipes: eles recebem a culpa por afirmarem que o homem sábio não sente compaixão e não perdoa... Na verdade, nenhuma escola filosófica é mais bondosa e gentil, nem nutre mais amor pela humanidade e dispensa mais atenção ao bem comum do que a estoica, a ponto de ter como propósito maior ser prestativo, prover assistência e considerar os interesses não apenas de si mesma como escola, mas de todas as pessoas, individual e coletivamente.”

A estrutura e o estilo dessas páginas são inspirados por Plutarco, um dos grandes biógrafos da história e, por acaso, tanto um cronista quanto um crítico do estoicismo.* Mostraremos biografias sobrepostas, mas independentes, de todas as principais figuras do estoicismo. O objetivo é fornecer uma fonte rica para ser lida e relida — como os milhões de leitores de *The Daily Stoic* e de *O obstáculo é o caminho* têm feito há anos.

Escolhemos apresentar cada um dos estoicos pelas lentes de uma característica determinante ou do papel que eles desempenharam na história da escola filosófica. O leitor conhecerá Pórcia, a mulher de ferro dos estoicos; Diógenes, o diplomata; Antí-

* Seu neto, Sexto, seria professor de filosofia de Marco Aurélio.

patro, o eticista; e Zenão, o profeta. Queremos propiciar não apenas alguns fatos sobre esses personagens, mas também uma noção mais completa de quem eles eram e os aspectos da vida de cada um deles que mais nos ensinam sobre a arte de viver.

Nosso objetivo nestas páginas não é alcançar uma precisão acadêmica rigorosa — algo impossível após tantos séculos —, mas elucidar os ensinamentos morais que podem ser delineados a partir da vida desses personagens complexos. Para saber sobre a maioria dos primeiros estoicos, recorremos a Diógenes Laércio — considerado o “guardião noturno da filosofia grega”. Sua obra clássica, *Vida e doutrinas de filósofos ilustres*, compilada no século III, é por vezes contraditória, apresentando o que é, sem dúvida, uma mescla de fatos e ficção. Mas também é repleta de lindas percepções e histórias. Diógenes se importava tanto com o lado pessoal quanto com o filosófico, e é por isso que suas observações ecoam de forma que outros escritores e críticos antigos não conseguiram fazer ecoar.

Devido à proximidade dos filósofos do estoicismo imperial ao poder político na era romana, seus nomes surgem nos registros de história clássica de Tácito, Suetônio e Dião Cássio, que muitas vezes demonstram admiração por aqueles que viveram de acordo com seus ideais (como no relato de Tácito sobre a morte de Trásea e a de Sêneca) ou desprezo por aqueles que falharam em segui-los (como na narrativa de Dião Cássio a respeito do questionável acúmulo de riqueza de Sêneca). Plínio, Estrabão, Ateneu, Aulo Gélíio, entre outros, ajudaram a elucidar a vida e os ensinamentos dos estoicos. Mais tarde, isso também foi feito por escritores cristãos como Justino, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, Eusébio de Cesareia, São Jerônimo e Santo Agostinho, os quais

aprenderam muito com os estoicos e fizeram sua parte para dar destaque à vida deles.

Em outros casos, as informações foram obtidas em relatos de escritores como Cícero, ou nos escritos dos próprios estoicos. Cícero, que se identificava como membro da escola cética e se manteve ocupado com sua ascensão ao topo da política romana, dedicou, ainda assim, grande parcela de sua vida à imersão profunda na história e doutrina dos estoicos que o precederam, e é por causa do seu esforço que temos acesso a diversas fontes há muito perdidas. Sêneca é outra fonte igualmente valiosa, pois não apenas elaborou novos escritos sobre o estoicismo, como também os encheu com numerosas citações e anedotas sobre seus predecessores estoicos, algo a que não teríamos acesso não fosse por ele. Essas interseções são o que há de mais interessante, mesmo sem outros documentos que as validem, pois demonstram como os estoicos influenciaram uns aos outros e como as fábulas morais — como a que gerações de norte-americanos contaram a seus filhos a respeito de George Washington e a cerejeira — são capazes de carregar ensinamentos significativos, não importando a veracidade.

O que os estoicos buscavam, aquilo que até hoje nos interessa, são as luzes para iluminar o caminho da vida. Eles queriam saber, tanto quanto nós, como encontrar tranquilidade, propósito, autocontrole e felicidade. Essa jornada é atemporal, tenha tido início na Grécia Antiga ou nos Estados Unidos de hoje em dia. É essencial. É difícil. E por isso nos perguntamos, assim como fizeram os estoicos: Quem poderá nos ajudar? O que é o certo? Onde está o norte verdadeiro?

“Você vagou por todos os cantos”, escreveu Marco Aurélio para si mesmo em *Meditações*, “e finalmente percebeu que nunca en-

controu a informação que buscava: como viver. Nem nos silogismos nem no dinheiro, nem na fama nem na autoindulgência. Em lugar algum.”

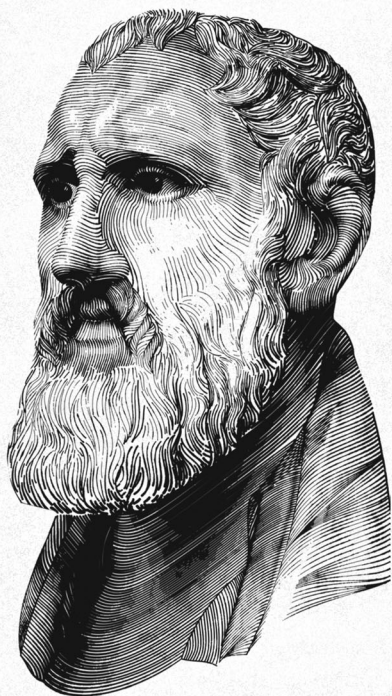
Se a filosofia representa algo, é a resposta a esta pergunta: Como viver? É o que temos buscado. “Você sabe mesmo o que a filosofia oferece à humanidade?”, pergunta Sêneca em suas *Epístolas*. “A filosofia oferece aconselhamentos.”

Será trabalho do leitor, após percorrer estas páginas, levar em consideração tais conselhos e lidar com aquilo que Sêneca descreve como o trabalho mais importante para o leitor de filosofia: o ato de transformar palavras em obras. Transformar as lições de vida de homens e mulheres que vieram antes de nós, suas trajetórias e morte, seus sucessos e fracassos, em ações no mundo real.

Pois é isso, e nada mais, que concede a alguém o título de filósofo.



ZENÃO, O PROFETA



NASCIMENTO: 334 A.C.

FALECIMENTO: 262 A.C.

ORIGEM: CÍTIO. CHIPRE

Como é apropriado, a história do estoicismo começa em infortúnio.

Em um fatídico dia do fim do século IV a.C., o comerciante fenício Zenão levantou âncora e partiu pelo Mediterrâneo com um carregamento de tintura púrpura tília. Apreciado pelos ricos e pela realeza, cujas roupas eram tingidas de púrpura, esse pigmento raro era diligentemente extraído do sangue de caramujos marinhos por escravizados e desidratado ao sol até que, nas palavras de um historiador da Antiguidade, “valesse como prata”. A família de Zenão comercializava um dos bens mais valiosos do mundo antigo e, como acontece a muitos empreendedores, seu negócio vivia ameaçado.

Ninguém sabe as causas do naufrágio. Foi uma tempestade? Piratas? Erro humano? Faz diferença? Zenão perdeu tudo — navio e carga — numa época em que não havia seguros nem capital de risco. Era uma fortuna irrecuperável. Ainda assim, o mercador desafortunado mais tarde exultaria a própria perda ao afirmar: “Tive uma viagem próspera quando o naufrágio ocorreu.” Pois foi o naufrágio que levou Zenão a

Atenas, a caminho da criação do que se tornaria a filosofia estoica.

Como nas histórias sobre as origens de todos os profetas, há relatos conflitantes a respeito do início da vida de Zenão, e seu naufrágio não é exceção. Uma das versões afirma que Zenão já estava em Atenas quando soube da perda de sua carga, e disse: “Muito bem, Fortuna, por me conduzir dessa forma à filosofia!” Outras contam que Zenão já vendera a carga na cidade de Atenas quando enveredou em busca da filosofia. Também é bem possível que ele tenha sido enviado até lá por seus pais, para fugir da terrível guerra entre os sucessores de Alexandre, o grande, que devastava sua terra natal. De fato, algumas fontes da Antiguidade indicam que ele possuía propriedades e investimentos marítimos que valiam milhões à época de sua chegada a Atenas. Há ainda registros mostrando que Zenão chegou em 312 a.C., aos 22 anos, o mesmo ano em que sua terra natal foi destruída e o rei foi morto pelas tropas invasoras.

De todas as possíveis origens para a filosofia da resiliência e do autocontrole, assim como da indiferença ao sofrimento e ao infortúnio, uma tragédia inesperada é a que soa mais verdadeira — tendo ou não destruído financeiramente Zenão e sua família. Um naufrágio poderia muito bem conduzir Zenão a uma vida comum de comerciante em terra firme, ou, despojando-o de sua família, poderia tê-lo levado ao alcoolismo ou à miséria. Mas, em vez disso, o problema se tornou *útil* — foi um chamado ao qual ele decidiu atender, que o instigou a uma nova vida e a um novo jeito de ser.

Essa capacidade de adaptação era um atributo oportuno à sobrevivência naquela época. O mundo da infância de Zenão era de caos. Em 333 a.C., um ano após seu nascimento, em Cítio —

uma cidade grega na ilha de Chipre —, Alexandre, o grande, libertou o país após dois anos de domínio persa. A partir daí, o lar de Zenão tornou-se uma valiosa peça de xadrez nesse tabuleiro de impérios fraturados, trocando de mãos diversas vezes.

Seu pai, Mnaseas, foi forçado a navegar, literalmente, em meio a esse caos, já que o negócio da família o levava a atravessar os mares. Provavelmente houve bloqueios a romper, subornos a pagar e linhas inimigas a evitar enquanto viajava de Chipre a Sídon, de Sídon a Tiro, de Tiro a Pireu, a grande cidade portuária nos arredores de Atenas, e então percorrer o mesmo caminho na volta para casa. Ainda assim, parece ter sido um pai amoroso, que fazia questão de levar vários escritos para o filho, inclusive aqueles sobre Sócrates.

É possível que nunca tenha havido dúvidas de que Zenão participaria dos negócios da família e acompanharia o pai pelo mar, negociando pigmento fenício, sonhando com aventuras e riqueza. Conta-se que ele era alto e esguio, e que sua complexão escura e o porte lhe renderam a alcunha de “vinha do Egito”. Já mais velho, ele seria descrito como flácido, de pernas grossas e fraco — características que lhe causaram certa timidez e falta de jeito conforme envelhecia e se adaptava à vida em terra firme.

Apesar das incertezas a respeito das condições da chegada de Zenão a Atenas, sabemos como era a cidade quando ele aportou lá. Atenas era um centro comercial efervescente com 21 mil cidadãos, quase a metade deles de estrangeiros residentes, e uma quantidade chocante de escravizados, que chegavam à casa das centenas de milhares. A cidade inteira era dedicada aos negócios, dominada por uma elite letrada cujos sucesso e educação lhe permitiam ter tempo de explorar e debater ideias sobre as quais discutimos até hoje. Era um terreno fértil para o despertar

que ocorreria a Zenão. De fato, sabemos inclusive o local exato em que ocorreu esse despertar — um lugar surpreendentemente moderno: uma livraria.

Certo dia, durante uma pausa no agito das negociações comerciais, Zenão percorria os títulos em uma livraria, procurando por algo para ler, quando descobriu que uma palestra estava agendada para aquele dia. Ao tomar um assento, ouviu o livreiro fazer a leitura de um compilado de trabalhos sobre Sócrates, o filósofo que havia sido executado em Atenas um século antes e cujos ensinamentos o pai de Zenão lhe apresentara durante a infância.

Em uma de suas viagens anteriores ao naufrágio, talvez inspirado por um percurso similar feito por Sócrates, Zenão consultou um oráculo para saber como aproveitar melhor a vida. O oráculo respondeu: “Para aproveitar melhor a vida, você deve conversar com os mortos.” Ali, naquela livraria — quem sabe a mesma que seu pai frequentara anos antes —, enquanto ouvia as palavras de Sócrates serem recitadas e ganharem vida, ele deve ter percebido que estava fazendo exatamente o que o oráculo havia aconselhado.

Afinal, os livros são isso, não são? Uma forma de adquirir conhecimento por meio daqueles que não estão mais entre nós.

Enquanto o livreiro lia o segundo tomo de *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, de Xenofonte, Zenão escutava os ensinamentos de Sócrates da maneira que foram realizados naquelas mesmas ruas havia apenas algumas gerações. O trecho que mais o afetou foi “Hércules na encruzilhada”, a história de um herói diante de escolhas. Nesse mito, Hércules é forçado a escolher entre duas donzelas, uma representando a virtude e a outra, o vício — a primeira, uma vida virtuosa de trabalho duro; a segunda,

uma vida de preguiça. “Você deve acostumar seu corpo a ser o servo de sua mente e treiná-lo com labuta e suor”, seriam as palavras da personagem da Virtude. E então Zenão ouviu Vício oferecer uma alternativa bem diferente. “Espere um pouco!”, gritou ela. “Não enxerga quão longo e difícil é o caminho até a felicidade que ela descreve? Venha comigo pelo caminho fácil!”

O caminho se bifurca na floresta ou, melhor dizendo, em uma livraria em Atenas. O estoico escolhe o caminho difícil.

Aproximando-se do livreiro, Zenão fez a pergunta que mudaria sua vida: “Onde posso encontrar um homem como ele?” Ou seja: Onde posso encontrar meu próprio Sócrates? Onde posso encontrar um mestre que me tutele em meus estudos, assim como fez Xenofonte com esse sábio filósofo? *Quem pode me ajudar em minha escolha?*

Se por um lado o infortúnio de Zenão fora sofrer aquele terrível naufrágio, sua sorte mais que o recompensou ao conduzi-lo àquela livraria, pois Crates, um célebre filósofo ateniense, por coincidência estava passando ali perto naquele momento. O livreiro simplesmente ergueu a mão e apontou.

Alguns dirão que foi o destino. Os estoicos que viriam depois certamente diriam isso. O herói sofrera uma grande perda e, por causa disso, cruzou um limiar para encontrar seu verdadeiro mestre. Ao mesmo tempo, foi a *escolha* feita por Zenão — ir à livraria após sua enorme perda, sentar-se e escutar o livreiro, e, o mais importante, não se contentar em deixar por isso mesmo as palavras que ouvira lá. Não, ele queria mais. *Exigia* mais respostas, exigia que lhe ensinassem mais, e foi a partir desse impulso que o estoicismo seria formado.

Crates de Tebas, assim como Zenão, era membro de uma família rica e herdeiro de grande fortuna. Por Diógenes Laércio

sabemos que, após assistir a uma apresentação de *Télefo* — a história do rei Télefo, filho de Hércules, ferido por Aquiles —, Crates abriu mão de seu dinheiro e se mudou para Atenas com o intuito de estudar filosofia. Lá, ele ficou conhecido como “o abridor de portas”, escreveu Diógenes, “o homem a quem se abrem todas as portas”, daqueles ávidos para aprender com o grande filósofo.

Como diz o antigo ditado zen: quando o discípulo está preparado, o mestre aparece. Crates era exatamente o que Zenão precisava.

Uma das primeiras lições de Crates buscava curar Zenão de seu complexo em relação à própria aparência. Percebendo que seu pupilo se preocupava demais com o status social, Crates lhe deu a tarefa de carregar uma pesada panela de sopa de lentilha pela cidade. Zenão tentou cumprir furtivamente o que lhe fora pedido, escolhendo vielas para evitar ser avistado em meio à sua tarefa humilhante.* Após rastreá-lo, Crates quebrou a panela com seu cajado, derramando a sopa sobre Zenão. O pupilo tremia de constrangimento e tentou escapar. “Por que fugir, meu pequeno fenício?” Crates riu. “Nada de terrível lhe aconteceu.”

Ser ansioso, inseguro ou ter aprendido coisas erradas no início da vida não impede ninguém de alcançar algo grandioso, desde que haja coragem (e mentores) para ajudar na mudança. Pela influência benigna, porém firme, de Crates, Zenão superou seus complexos e se tornou aquilo a que fora destinado.

* Lentilhas costumavam ser um alimento consumido apenas pelas classes mais baixas. Sem dúvida, foi uma tentativa de Crates de desafiar a identidade esnobe de Zenão, advinda de sua criação na elite.

Ao deixar os tempos de comerciante para trás, Zenão escolheu um novo estilo de vida que balanceava estudo e reflexão com as necessidades de um mundo controlado pelo comércio, pelas conquistas e pela tecnologia. Para Zenão, o propósito da filosofia, da virtude, era encontrar “o curso suave da vida”, alcançar o estágio em que tudo que fazemos esteja em “harmonia com o espírito individual e a vontade daquele que governa o Universo”. Para os gregos, cada um de nós tem um *daemon*, um guia interno ou um propósito que nos conecta à natureza universal. Segundo Zenão, são felizes aqueles que na vida mantêm a natureza individual e universal em consonância, e aqueles que não vivem dessa maneira não o são.

Em um esforço para alcançar essa harmonia, Zenão viveu uma vida simples, não muito diferente daquela de seu rival Epicuro, que fundou uma escola poucos anos antes de Zenão iniciar sua trajetória. Sua dieta consistia basicamente em pão, mel e, às vezes, uma taça de vinho. Ele morava com outras pessoas e raramente contratava lacaios. Mesmo quando estava doente, recusava as tentativas de amparo e as mudanças em sua parca dieta. “Ele acreditava”, diria um estoico da fase imperial, “que alguém que um dia tenha experimentado a gastronomia gourmet a desejaria o tempo todo, visto que o prazer associado a bebida e comida cria em nós o desejo por mais comida e bebida.”

Partidário de uma vida simples, Zenão se mantinha retraído, dando preferência ao círculo de amigos próximos, e não a aglomerações sociais, tendo inclusive se tornado famoso por escapar de uma festa promovida pelo rei Antígono (e por recusar convites de visita à corte do rei). Ele concluía com rapidez seus argumentos e balançava a cabeça para os floreios retóricos des-

necessários. Também era inteligente e divertido, e criou o hábito de pedir dinheiro a desconhecidos para dissuadir os outros de *lhe* fazerem o mesmo pedido. Não há indicadores de que a comodidade e a riqueza do início de sua vida o tenham acostumado mal ou deturpado seu senso de conforto. Ao contrário, perdê-lo *lhe* provou que dinheiro não era para ser apreciado e também importava muito pouco. Quando se descrevia alguém sóbrio, frugal e disciplinado, tornou-se quase proverbial em Atenas dizer: “Ele é mais moderado do que Zenão, o filósofo!”

Após seus estudos com Crates e o filósofo megárico Estilpo, Zenão passou também a ensinar — na *ágora* em si, de maneira apropriada a um ex-comerciante. Lá, em meio às lojas onde as pessoas compravam e vendiam seus artigos, Zenão debatia sobre o real valor das coisas. No que era literalmente um mercado de ideias, ele oferecia algo que acreditava ser vital: uma filosofia de vida engajada que poderia ajudar as pessoas a encontrar paz em meio a um mundo muitas vezes turbulento. “Dos três modos de vida — o contemplativo, o prático e o racional”, escreveu Diógenes, os estoicos “afirmam que o último deve ser escolhido, pois um ser racional é criado pela natureza intencionalmente para se voltar à contemplação e à ação”.

Zenão aprendeu a ser um tipo de instrutor criativo, promovendo a sua mercadoria do momento, suas ideias, junto a vários outros comerciantes. Em um jantar com um homem conhecido por comer tanto e tão rápido a ponto de deixar quase nada para seus convidados, Zenão pegou uma travessa inteira de peixe e fingiu que a comeria sozinho. Vendo o olhar de espanto do anfitrião, o filósofo disse: “Pois, pense, como sofrem aqueles que vivem com você, já que não consegue suportar minha gula nem por um único dia?”

Quando um jovem estudante atraiu admiradores demais, Zenão ordenou que rapasse a cabeça para mantê-los afastados. Em outra ocasião, um estudante rico e bonito de Rodas implorou pelos ensinamentos de Zenão — sem dúvida fazendo o filósofo lembrar-se de si mesmo naquela idade —, e ele lhe indicou que se sentasse em um banco empoeirado, sabendo que o jovem sujaria as roupas. Mais tarde, mandou-o andar entre os pedintes da cidade, de forma bem similar à que Crates ordenou que carregasse a sopa de lentilha pela cidade. Mas, ao contrário de Zenão, que suportou as humilhações e aprendeu com elas, o estudante simplesmente foi embora. Zenão acreditava que a presunção era o principal obstáculo à aprendizagem, e nesse caso ele provou estar certo.

Zenão acabaria se mudando para o que ficou conhecido como Stoa Poikilê, literalmente “Pórtico Pintado”. Erigido no século V a.C. (as ruínas ainda estão visíveis após 2.500 anos), o pórtico pintado era o local onde Zenão e seus discípulos se reuniam para debater. Apesar de seus seguidores terem sido chamados, por um breve período, de zenonianos, é um sinal importante da humildade de Zenão e da universalidade de seus ensinamentos que a escola que ele fundou não leve seu nome. Em vez disso, nós a conhecemos hoje como *estoicismo*, uma homenagem à sua origem peculiar.

Também não é interessante que os antigos estoicos tenham escolhido um *pórtico* como referência e lar? Não foi um camarão, um palco ou uma sala de leitura sem janelas. Foi uma estrutura convidativa e acessível, um lugar para contemplação, reflexão e, principalmente, amizade e debates.

Dizia-se que Zenão tinha pouca paciência para lidar com preguiçosos e egocêntricos em seu pórtico. Ele queria que seus es-

tudantes fossem atentos e observadores. E todos os que foram até ele com uma noção exagerada do próprio valor logo a deixaram de lado ou foram mandados embora. Mas, para aqueles que estavam prontos e dispostos, o pórtico era um local para aprender e ser ensinado.

Infelizmente, nenhum dos seus trabalhos sobreviveu até os dias atuais, nem mesmo a sua obra mais importante, *República*, que refutava magistralmente os argumentos da obra homônima de Platão. O que conhecemos desse texto nos chegou em resumos feitos por quem o leu. A partir deles, aprendemos que os estoicos antigos tinham uma clara disposição utópica. Muito desse aspecto seria descartado mais tarde pelos estoicos posteriores, mais pragmáticos, mas a visão inicial de Zenão deu uma tônica que ainda hoje soa verdadeira, em particular que “devemos considerar todos os homens pertencentes a uma única comunidade e unidade política, e ter um modo de vida uno e uma ordem una, como um rebanho que em uma mesma pastagem se alimenta em conjunto e compartilha um campo comunitário”.

Zenão também escreveu célebres ensaios sobre educação, natureza humana, dever, emoções, leis, *logos* e até um com o provocante título de *Problemas homéricos*. Do que poderia tratar *Do Universo*? Não seria incrível ler *Recordações de Crates*, de Zenão? Infelizmente, tudo que sobrou desses escritos foram fragmentos ou citações ocasionais.

Esses retalhos, mesmo assim, bastam para nos trazer muitos ensinamentos. “O objetivo da vida é viver em harmonia com a natureza”, é o que afirmam que ele escreveu em *Da natureza humana*, “isto é, viver de acordo com a virtude, pois a natureza nos conduz à virtude”. É também creditada a Zenão a expressão que diz haver um motivo para nascermos com duas orelhas e so-

mente uma boca. Supostamente, ele também disse que não havia nada mais inconveniente que uma pessoa arrogante, o que era ainda pior se a pessoa fosse jovem. “Melhor tropeçar com os pés do que com a língua”, disse uma vez.

Ele também foi o primeiro a professar as quatro virtudes do estoicismo: coragem, temperança, justiça e sabedoria. Considerava tais qualidades “inseparáveis, porém distintas e diferentes umas das outras”. Não sabemos onde ou quando Zenão registrou primeiro os “Quatro Pilares”, mas podemos sentir seu impacto — pois eles aparecem nas obras e decisões de quase todos os estoicos que surgiram após ele.

Ao contrário de muitos profetas, Zenão foi respeitado e admirado na sua própria época. Não houve qualquer perseguição. Nenhum ressentimento de autoridades. Ainda em vida, deram-lhe as chaves da cidade de Atenas e dedicaram-lhe uma coroa de ouro e uma estátua de bronze.

Apesar da grande adoração que Atenas dedicava a ele e da adoração que ele lhe dedicava em troca, Zenão sabia que o *lar* importava. Após doar dinheiro para a restauração de algumas importantes termas de Atenas, ele solicitou especificamente que “de Cítio” fosse inscrito após seu nome nas construções. Ele podia ser um cidadão do mundo, um expatriado que amava Atenas, sua cidade adotiva, na qual viveria por meio século, mas não queria que ninguém esquecesse de onde viera.

Mesmo com todos os seus ditos espirituosos, a única coisa com que Zenão realmente se importava, aquilo que ele tentou ensinar, era a verdade. “Percepção”, disse ele, erguendo as mãos e esticando os dedos, “é algo como isto”, ou seja, algo grande e vasto. Fechando um pouco os dedos, ele diria: “assentimento”, ou seja, começar a formar um conceito sobre algo, “é como isto”.

Então, cerraria a mão em um punho e declara que aquilo é a “compreensão”. Finalmente, envolvendo o punho com a outra mão, ele chamaria tal combinação de “conhecimento”. Essa combinação final, segundo ele, era alcançada apenas pelos sábios.

Em seus estudos com professores como Crates e em suas conversas com os mortos — aquele encontro ao acaso com os ensinamentos de Sócrates, previsto pelo oráculo —, Zenão dançava com a sabedoria. Ele a explorou na ágora com seus alunos; refletiu profundamente sobre ela em longas caminhadas e a colocou à prova em debates. Sua jornada rumo à sabedoria foi demorada, cerca de cinquenta anos desde o naufrágio até sua morte. Não foi definida apenas por uma única epifania ou descoberta, mas por muito trabalho. Ele *pavimentou* cada centímetro de seu caminho até ela, por anos de estudo e prática, assim como todos nós deveríamos fazer. “O bem-estar se concretiza em pequenos passos”, diria ele, olhando para trás, “mas não é nada pequeno.”

Como ocorre com muitos filósofos, relatos sobre a morte de Zenão desafiam a nossa credulidade, mas também nos ensinam uma lição. Certo dia, aos 72 anos, ao deixar o pórtico, ele tropeçou e quebrou um dedo de forma dolorosa. Estatelado no chão, pareceu ter decidido que o incidente era um sinal de que havia chegado a sua hora. Socando o chão, ele citou uma frase de Timóteo, um músico e poeta do século anterior:

Venho por iniciativa própria; por que me chamar?

Então Zenão prendeu a respiração até partir desta vida.

MAIS DE VINTE E TRÊS SÉCULOS ATRÁS, UM
COMERCIANTE FALIDO CHAMADO ZENÃO
FUNDOU UMA ESCOLA NA ÁGORA ATENIENSE.
DESDE ENTÃO, O ESTOICISMO TEM SIDO O
GUIA DE TODOS OS QUE BUSCAM GRANDEZA
E ENCONTRAM NOS EXEMPLOS DOS
FILÓSOFOS O BOM SENSO NECESSÁRIO PARA
ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS.

Em *A vida dos estoicos*, Ryan Holiday e Stephen Hanselman apresentam histórias fascinantes de homens e mulheres que se esforçaram para seguir as virtudes estoicas atemporais da coragem, da justiça, da temperança e da sabedoria. Organizado em breves biografias que abordam desde os estoicos mais estudados aos menos conhecidos, este livro lança luz sobre os hábitos de pessoas que viveram essa filosofia e as lições que devem ser aprendidas de suas dificuldades e de seus sucessos. Epicteto ou Marco Aurélio, escravizados ou imperadores, cada exemplo nestas páginas vai ajudar você a aplicar a filosofia em sua própria vida. Holiday e Hanselman revelam os principais valores e ideais que uniram personalidades como Sêneca, Catão e Cícero ao longo dos séculos: o autogoverno é o maior império; caráter é destino; é benéfico se preparar para o sucesso, mas também para o fracasso; e aprender a amar — e não apenas aceitar — o que o destino nos traz é a chave que nos possibilita viver bem.

A filosofia estoica é tão urgente hoje quanto no período mais caótico do Império Romano. E esta é uma obra que pode — e deve — ser consultada sempre.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1088/>